



## **SOBRE DESCONFIANÇAS, FILOSOFIA DA DIFERENÇA E UM PROFESSORAR-PESQUISADOR EM FORMAÇÃO**

Maria Eduarda Glória Neves <sup>1</sup>  
Mônica Silva Aikawa <sup>2</sup>  
Mônica de Oliveira Costa <sup>3</sup>

*[...] devemos desconfiar das bases sobre as quais se assentam as promessas e as esperanças nas quais nos ensinam a acreditar. Tudo indica que devemos sair dessas bases para, de fora, examiná-las e criticá-las.  
(Gallo, 2007, p.23)*

### **As desconfianças a partir da Filosofia da Diferença de um professorar-pesquisador em formação**

Com o intuito de aproximação a uma movimentação teórica de um ser-sentir-viver um professorar-pesquisador em formação inicial dentro do Projeto de Inicial Científica (PAIC/FAPEAM), essa escrita busca ao objetivo de revelar as impressões e capturas a partir de um primeiro contato com a Filosofia da diferença, partindo de um pensar no sujeito perante as ciências da Educação com um sujeito mutável e não-modelado.

O título vem em expressão dos primeiros contatos com as leituras, estudos e discussões do projeto de iniciação científica vinculado ao curso de licenciatura em Pedagogia e ao Grupo de Pesquisa Vidar em In-tensões. Essas leituras mexeram com minhas estruturas, pensamentos e certezas de meus entendimentos sobre Educação, ensino, aprendizagem e resultaram nessa escrita-reflexão de si professora-pesquisadora em formação encontrando-se com a Filosofia da diferença, que passa a desconfiar de verdade absolutas, especialmente em Educação.

Para construir tais ideias, parto de estudos bibliográficos centrados em mobilizações histórico-filosóficas que circulam a partir da diferença. Em movimentos de forma-conteúdo, sigo com a escrita-pesquisa em viés da própria Filosofia da diferença por suas mobilizações na diversidade, pluralidade, singularidade e multiplicidades (de pensar, de viver, de sentir, de experimentar, de ser). Assim, os estudos bibliográficos dos autores Gallo e Veiga-Neto serviram de pretexto para um (re)pensar a si nesse encontro com essa Filosofia, especialmente em Deleuze, Guattari, Foucault. E em meio a esse apoio epistêmico movente, realizei leituras, estudo, fichamento e diálogos com as orientadoras e grupo de pesquisa.

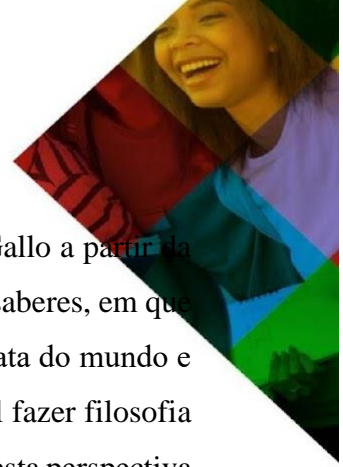
---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, megn.ped21@uea.edu.br;

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, maikawa@uea.edu.br

<sup>3</sup> Professora da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, mdcosta@uea.edu.br





Para traçar o início desta escrita, trago aqui um pensamento de Silvio Gallo a partir da filosofia deleuziana e a contribuição histórico-filosófica na produção de novos saberes, em que o “fazer filosofia é muito mais do que repetir filósofos, mas como a filosofia trata do mundo e há mais de dois mil anos que filósofos debruçam-se sobre ele, também é difícil fazer filosofia (pensar o novo) sem retomar o já pensado” (2003, p.34). Neste sentido, o valor desta perspectiva se dá pela criação e a reinvenção do pré-estabelecido, sendo ela híbrida, contínua e atuante às multiplicidades em meio à vida.

Para isso, tem-se alguns conceitos:

**Conceito:** “O conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função da sua criação” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 13);

**Filosofia da diferença:** Parte do princípio da multiplicidade, recusa do Uno, pensa o mundo como múltiplo (Gallo, 2008);

**Encontro:** Contato entre singularidades, é captura deleuziana, é roubo (Gallo, 2008);

**Educação:** “Educação é encontro de singularidades” (Gallo, 2008, p.1), “é sempre empreendimento coletivo e, portanto, implica no outro. Não há educação sem o outro” (*Ibidem*, 2008, p.6).

A partir daqui, remeto ao que supostamente a ciência vem chamando de Resultados e discussão, digo de impressões e capturas pois é desse modo que vejo hoje esse espaço de escrita-pesquisa com a perspectiva epistêmica eleita.

Começo destacando que os textos base para o estudo foram dos autores Gallo (2008) e Veiga-Neto (2007) e cada um a sua maneira dizem do desenrolar de uma Educação, de uma Ciência em encontros com a Filosofia da diferença.

Uma primeira captura foi perceber que o movimento pós-crítico surge em um momento frustrado da sociedade frente a um projeto passado que nunca chegou de fato a se concretizar. Utopias, promessas de um futuro que carregavam consigo um perigo: a presentificação de um futuro pelo qual a realidade é incerta. Com raízes profundas e ramos amplos, oferecendo uma estrutura sólida e abrangente, correntes filosóficas totalizantes reconhecem o conhecimento filosófico em um sistema coeso, estático. Buscavam a emancipação de uma unidade de povo, unificado e homogêneo, desconsiderando as diferentes configurações de um ser.

Uma crença na emancipação de um sujeito crítico a partir de uma educação que preconiza o currículo normativo como um instrumento para tal projeto. A não-concretização desse futuro imaginário ocasiona em um luto daquilo que nunca se teve (muito menos se perdeu). Um luto imaginário do que foi idealizado e nunca chegou a de fato se concretizar.





Com a frustração de um ideário, uma movimentação filosófica diferente volta o seu olhar para as multiplicidades habitadas em meio a uma multidão diversa, vendo assim que esses antigos projetos emoldurados já não cabem mais em uma sociedade que escorre diferenças. Em meio a essa rigidez e solidez, surge o diferente. Como uma árvore mais esguia e flexível, com raízes superficiais e ramos que se estendem em várias direções. Ela não busca abarcar todo o conhecimento em um sistema único, mas sim questionar e desafiar os pressupostos subjacentes aos sistemas totalizadores.

Com esses estudos, tenho percebido que a Filosofia da diferença se propõe repensar as estruturas a fim de desestruturá-las e descentralizar, combatendo uma visão filosófica da representação, tão hegemônica. Abraçam o hibridismo de modo a rejeitar o binarismo em suas certezas ditas concretas e atuam em quebra de barreiras objetivistas, essencialistas e deterministas. Embora seja menos imponente em termos de tamanho e alcance, essa árvore-perspectiva filosófica da diferença contribui para uma diversidade e uma vitalidade do ecossistema, no pensar o outro acima de uma recusa da unificação e homogeneidade, aflorando em si cores, formas, cheiros e sabores múltiplos e únicos. É plural. É múltiplo. É único!

E o que seria pautar a Filosofia da diferença dentro da Educação? A Filosofia e a Educação podem andar de mãos dadas nessa jornada, a cada fricção que uma sofre, reflete-se na outra, as mudanças recorrentes a uma modificam a outra e vice-versa. Sendo assim, para falar de Filosofia da diferença e Educação, pode-se aqui então falar sobre seus encontros, os deleuze-guattarianos.

Gallo (2008) nos atenta a certas reflexões... Por exemplo, o educador que pensa em métodos de estudo que buscam o maior efficientismo e alcance em seus alunos entende a educação nos moldes de uma filosofia representacional, do eu embutido no outro, em que o outro não passa apenas de uma representação de quem eu sou, ignorando o outro enquanto e o tal encaixando em moldes de si. Na representação, o educador planeja pensando no outro enquanto um reflexo de si e espera que proporcione aos seus aprendentes o alcance esperado: boas notas, eficiência, pensamento crítico, entre outros. Determinando assim, a convergência global.

Com a Filosofia da diferença se pensa outra coisa, que “Para educar, portanto, é necessário ter o desprendimento daquele que não deseja discípulos, que mostra caminhos, mas que não espera e muito menos controla os caminhos que os outros seguem” (Gallo, 2008, p.15) e “o pensamento pós-moderno nos coloca em cenários de múltiplos propósitos e de múltiplas razões” (Veiga-Neto, 2007, p.9). Essa outra captura desmonta a ideia moderna de modelo de ensino, padrão de escola e resultado positivo, mais ainda desmonta minhas afirmações de luta





de classes e emancipação do sujeito, pois o coletivo e a multiplicidade se revelam em meus estudos. Sigo em desconfianças!

Entre as capturas, retomo Veiga-Neto (2007) quando diz que o pós-moderno não busca as verdades sobre o mundo e nem suas essências, preocupa-se mais com as ferramentas para o entendimento do mundo e o vê como um jogo de relações, encontros.

Minhas impressões iniciais, ditas por alguns como considerações finais, seguem em mudança de olhar, de lente, de modo de ver e viver a pesquisa e a educação enquanto professora-pesquisadora em formação que hoje se movimenta em pesquisa de iniciação científica, em encontros com o Grupo de Pesquisa e no curso de Pedagogia.

Saio dessas leituras bem desestabilizada, desconfiada das verdades e me (re)encontrando comigo a partir do encontro com a Filosofia da diferença com a Educação.

**Palavras-chave:** Filosofia da diferença; Educação; Iniciação científica; Professora-pesquisadora; Formação docente.

### **Referências**

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. IN: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: **Diálogos sobre Diálogos**, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

SCHNORR, S. M.; RODRIGUES, C. G. A possibilidade de pensar a filosofia na perspectiva da diferença: impregnando a formação de professores e experimentando o inédito. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 36-49, set./dez. 2014.

VEIGA-NETO, A. Olhares. In: COSTA, V. M. (Org). Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 3 ed. RJ: **Lamparina editora**, 2007, p.23-38.

